

Diferentes ‘guerras’, preconceitos iguais: questões de gênero nas trajetórias das pioneiras de um Instituto de Matemática e de suas sucessoras

RESUMO

Neste artigo, que apresenta um recorte da pesquisa de Doutorado, será discutido o pioneirismo de mulheres no Instituto de Matemática (IM) da Universidade Federal da Bahia e as percepções de duas gerações de docentes deste Instituto em relação ao “Caleidoscópio de Gênero” que revela as “guerras” enfrentadas ao longo de suas trajetórias profissionais, em cada época. Na consecução desta pesquisa foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas e análise documental nos arquivos do IM, Instituto de Física (IF) e Faculdade de Filosofia (FF), utilizando elementos da análise do discurso. Resultados do estudo na perspectiva de gênero possibilitaram visualizar que as duas gerações enfrentaram assimetrias de gênero. Suas capacidades intelectuais e seus desempenhos cognitivos foram subvalorizados em associação ao seu pertencimento biológico. Revelar o exemplo de luta e de crescimento destas mulheres poderá contribuir na inserção de futuras gerações de mulheres nas áreas da Ciência e Tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Matemática. Gênero. Relações de Poder.

Márcia Barbosa de Menezes
marmon28@gmail.com
Universidade Federal da Bahia,
Salvador, Bahia, Brasil

INTRODUÇÃO

Certos elementos culturais vivenciados e mantidos pelas sociedades em geral ainda eternizam regras, valores e princípios estabelecidos pelas heranças patriarcais as quais empreendem aos homens qualidades e capacidades superiores em relação a outra metade da humanidade, as mulheres, não de forma inocente, silenciadas e invisibilizadas neste processo. Mas, mesmo diante dessas permanências, acredito que através da própria cultura conseguiremos criar novos caminhos, novas possibilidades de transformação em busca da equidade de gênero.

Pensar nesta equidade exige a apropriação de certos conceitos imbricados na expressão Caleidoscópio de Gênero¹ - que pensa gênero relacionado com classe social, cor, etnia, poder. Não se pode pensar em relações de gênero dissociadas de relações de poder, elas são categorias que se relacionam nutrindo e construindo as relações sociais. Da mesma forma, não devemos pensar em relações de poder como vetoriais: dominador (a) x dominado (a); segundo Foucault (1985, p.XIV):

Os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. [...] o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro, aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. [...] o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. [...] Não está situado em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social.

Portanto, as relações de poder são exercidas num circuito que, segundo Foucault, abrange os macro e micro poderes. Neste artigo, que apresenta um recorte da pesquisa de Doutorado realizado pela autora², foi analisado como estes poderes permearam a trajetória profissional de mulheres pioneiras na docência no Instituto de Matemática (IM) da Universidade Federal da Bahia na década de 60 do século passado, e as percepções de duas gerações de docentes deste Instituto em relação ao “Caleidoscópio de Gênero” que revela as “guerras” enfrentadas ao longo de suas trajetórias profissionais, em cada época. Na consecução desta pesquisa foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, análise documental nos arquivos do IM, Instituto de Física (IF), Faculdade de Filosofia (FF), utilizando elementos da análise do discurso. A análise realizada na perspectiva de gênero possibilitou visualizar que as duas gerações enfrentaram assimetrias de gênero.

A PARTICIPAÇÃO INOVADORA DAS MULHERES NO CURSO DE MATEMÁTICA

Historicamente, a Matemática ‘era’ vista como um campo de predominância masculina por ser considerado, dentre outras coisas, abstrato, objetivo, no qual a razão predomina. Essas características foram impostas e generalizadas como de

domínio masculino. A ideia difundida na sociedade é que “a razão não só se opõe à emoção, mas é associada ao mental, ao cultural, ao universal, ao público e ao masculino, enquanto a emoção é associada ao irracional, ao físico, ao natural, ao particular, ao privado e obviamente, ao feminino”. (JAGGAR, 1997, p. 157). Neste sentido, ‘naturalizou-se’ e se configurou determinados comportamentos e habilidades específicas para se exercer o papel de produtor do conhecimento, como sendo apto ao gênero masculino e ‘inadequado’ ao feminino.

No campo específico das Ciências Exatas e Tecnológicas ainda persistem os estereótipos em relação ao desempenho matemático das meninas. As representações sociais ‘naturalizam’ a ideia de que elas não gostam de matemática, mas Michèle Ferrand (1994, p. 359) questiona: “Será que são as moças que não gostam de matemática ou a matemática que não gosta das moças?” A autora segue afirmando que tanto as moças quanto o espaço matemático refletem as construções históricas e culturais nas quais foram moldados, ou seja, a matemática foi moldada através das concepções de que as ‘moças’ não apresentam capacidades cognitivas próprias ao seu domínio; em contrapartida, as moças foram criadas de forma a não desenvolver o gosto pelas aptidões matemáticas, pois, estas são consideradas inerentes apenas aos homens. Essa problemática se fundamenta na construção de certos discursos e pensamentos ditos ‘ingênuos’ que acabam se cristalizando como ‘verdades naturais’.

Na década de 40 do século passado, na Cidade de Salvador, essas velhas argumentações de cunho político de que “as meninas não são boas em matemática” devido a uma biologia inapropriada, foram desconstruídas por mulheres que tinham na Matemática seu ideal de carreira e de vida. Elas, contrariando as ditaduras das representações sociais, se articularam, imprimiram fraturas de gênero e pertencas de classe, imprimiram suas capacidades de raciocínio lógico, indução, criatividade, abstração e dominaram o ensino superior do IM da UFBA ao escolherem caminhar profissionalmente num espaço androcêntrico e marcadamente permeado pelas estruturas dos macro poderes – o Campo da Matemática.

Inicialmente a matemática era desenvolvida nas escolas politécnicas, em geral pelos professores catedráticos engenheiros de formação e também pelos homens intelectuais da sociedade baiana. Com a fundação da Faculdade de Filosofia (FF/1941) uma nova etapa foi inaugurada, com a formação do curso específico para matemáticos/as. Diante deste novo contexto, a cidade de Salvador começou a apresentar uma novidade: as mulheres começaram a se inserir neste curso e, essa graduação passou a apresentar um índice numérico de predominância das mulheres em suas turmas³. Além disso, algumas delas mantiveram-se ativas no cenário matemático baiano, mantendo e consolidando as atividades do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (IMFUBa)⁴. Dentre estas, duas professoras participaram como as pioneiras na articulação da fundação do referido Instituto, Martha Maria de Souza Dantas e Arlete Cerqueira Lima.

Inicialmente Arlete enfrenta o poder do reitor Edgard Santos que não aceita a ideia da construção de um centro Matemático e a expulsa da sala da reitoria. Neste momento, as relações de gênero, classe social e poder se apresentam. Para o reitor, o discurso estava sendo proferido por uma mulher, professora recém-

formada, não pertencente à elite da sociedade baiana, uma vez que era desconhecida aos seus olhos, além de trazer um discurso que contrariava o ensino praticado pelos catedráticos engenheiros da sociedade baiana. Após uma intervenção de Martha Dantas – esta sim, pertencente a uma classe social superior àquela onde Arlete se inseria - a favor de Arlete na criação do centro de estudos, as pioneiras enfrentaram o poder dos catedráticos que eram contrários à fundação do Instituto, provavelmente devido ao medo de perderem seus postos de liderança no cenário matemático baiano. Após muitos encontros e desencontros, o IMF foi fundado em 1960. Mas as pioneiras continuaram enfrentando as assimetrias de gênero no novo espaço. Apesar de Arlete e Martha terem idealizado a criação do IMF elas não ocuparam a direção do Instituto. Esse cargo foi exercido inicialmente pelo professor Rubens Gouveia Lintz.

Posteriormente, após a chegada do novo diretor, professor Omar Catunda, as jovens professoras passaram a lutar para serem valorizadas como sujeitos do conhecimento dentro do próprio IMF. Catunda incentivava os estudos das mulheres, mas não deixava de imprimir seu pensamento discriminatório, como se pode ver em um trecho de uma carta endereçada ao matemático Artibano Micali, datada de 1963:

No Instituto ainda não dá para fazer ideia, pois só iniciaram as atividades esta semana [...] Há o **inconveniente de por enquanto só existirem elementos femininos**, pois quase só aparecem aqui alunas da Faculdade de Filosofia, onde os homens são raríssimos.

Era comum o professor atingir as jovens alunas e professoras através do uso de frases de conotação preconceituosa – “eté talento roxo”, “lá vem pedrada”, “eté talento roxo de criatura”. Nas lembranças de uma depoente, esses deboches incomodavam as alunas.

“Eu me sentia mal com as “brincadeiras” que o professor Catunda fazia através das suas frases direcionada para as alunas. Algumas colegas, aparentemente não ligavam, mas eu sempre achei isso de um tremendo mau gosto. [...] Uma vez eu tinha preparado um seminário para apresentar ainda no IMF, estava bem preparada e entusiasmada, mas quando ia começar a falar ele apareceu na porta e disse: “Lá vem pedrada”, foi a gota d’água, fiquei desestruturada e sai chorando. [...] Depois disso, não aceitei mais “brincadeiras”, fiz de tudo para me afastar dele e, cada vez me preparava melhor para realizar meu trabalho e graças a Deus sempre me sair muito bem.” (Piscopia)⁵

Essas aparentes ‘brincadeiras’ carregam o peso das conotações sexistas que podem levar as mulheres a se desestruturarem no ambiente de trabalho. Algumas docentes não enxergaram tais ‘brincadeiras’ como discriminações de gênero. Além disso, como o momento se constituía na luta por adquirir e aprimorar os conhecimentos matemáticos e consolidar o IM, as questões de gênero aparentemente se mostravam sutis e imperceptíveis para algumas delas. Isso

provavelmente acontecia porque havia um paradoxo na relação do professor Catunda com as docentes, conforme se observa no depoimento.

*“A meu ver não houve empenho para desenvolver o lado da pesquisa, se colocou na mente o foco nos rapazes e como eles não apareceram perdeu-se a motivação. O professor Catunda era um homem de um conhecimento enorme e geral. Sua formação matemática abrangia qualquer assunto. Mas, em relação a nós mulheres, ele tinha uma atenção e um carinho paternal, mas ele não apostava na nossa capacidade científica e intelectual. Ele nos tratava como “as meninas dele”, mas não como as profissionais matemáticas. Se você não aposta naquilo em que você mesmo dirige, então não se vai para frente. Na verdade, o desenvolvimento não era levado a sério. Isso marca muito a trajetória da Instituição”.
(Winifred, grifos nossos)⁶*

Nesta fala fica evidente a pretensão dos diretores em atrair os rapazes da Escola Politécnica (EP) para integrar o quadro do IMF, com o objetivo que eles, sim, fossem direcionados e incentivados para o desenvolvimento da pesquisa aqui em Salvador; contudo os rapazes não se interessaram pela matemática, eles visavam o desenvolvimento da matemática ‘mais prática’ voltada para as aplicações da engenharia, além do fato desse campo se apresentar bem mais promissor como uma futura carreira.

Como não foi possível realizar o objetivo inicial com os rapazes da EP, o jeito foi aceitar as moças, não nas mesmas condições intelectuais pretendidas para os rapazes, mas com uma postura de visão paternalista, tratando-as com carinho e afeto nos momentos de descontração e, imprimindo as alfinetadas no contexto intelectual, jamais esperando delas um desempenho compatível com as aspirações da instituição. No entanto, para os propósitos de operacionalização e consequente institucionalização dos estudos matemáticos, as moças eram adequadas.

A participação das mulheres no curso de matemática e o pioneirismo, também, como docentes do IMF, era algo que chamava atenção da comunidade Matemática do país. Contudo, não era uma visão incentivadora e de respaldo, ao contrário, alguns dos matemáticos da época, mantinham uma visão de total falta de confiança na capacidade delas.

*“Nesta época, as mulheres aqui na Bahia foram pioneiras. Quando chegávamos nos colóquios, nos congressos as pessoas logo diziam: Lá vem o harém de Catunda”.
(Winifred)*

*“Ele sempre nos tratou com muito cuidado, mas não posso negar que as frases, “eta talento roxo de criatura”, “vou te jogar um tijolo” eram frequentes. Realmente muito tivemos que nos esforçar para conseguirmos oportunidades dentro do IMF”.
(Somerville) ⁷*

A frase **Lá vem o harém de Catunda**, retrata o sentido pejorativo que era atribuído à equipe de mulheres do instituto. Na mentalidade dos poderosos

matemáticos que habitavam este campo nos outros Estados, a participação do harém de Catunda nos colóquios e congressos soava como algo secundário sem valor futuro de pesquisa científica. A conotação sexual da expressão inferiorizava de modo marcante a presença dessas mulheres nos eventos científicos da época. A palavra harém⁸, em seu significado original, refere-se a um espaço em casa muçulmana onde ficavam as mulheres. Equivale, ao gineceu da Grécia clássica. No senso comum, harém significa um grupo de mulheres que pertencem a um homem... Em qualquer um dos sentidos, aqui colocados, referir-se às matemáticas da Bahia como **o harém de Catunda** reduzia essas mulheres a um lugar que as marcava como intelectualmente irrelevantes e não deixava de ser uma referência à condição feminina de objeto sexual.

Não está em discussão aqui a capacidade intelectual matemática do professor Omar Catunda, todas nós do círculo matemático sabemos da sua competência. O que se discute é a posição dele em relação às mulheres na Matemática e, em particular, àquelas com as quais ele tinha uma relação profissional. Particularmente, a posição contrária e discriminatória na forma de lidar com as dúvidas e incentivo de avanços das suas próprias alunas. Alunas que compuseram o quadro do próprio Instituto no qual ele era o diretor e, que se tornaram docentes mantendo durante anos a posição inusitada de um Instituto Matemático Feminino. De fato, concordando com a fala de *Winifred*, se a liderança de um grupo não acredita na capacidade intelectual deste grupo, quem mais vai confiar? Principalmente quando esse grupo é composto por mulheres, que devido aos estereótipos de gênero são vistas socialmente como inadequadas a participarem dos espaços matemáticos como “sujeitos” do conhecimento. Talvez se possa inferir que esse seja um ponto para pensarmos o porquê do curso de doutorado na Bahia só ter se iniciado há poucos anos. Será que os estereótipos de gênero não estavam atuando para a falta de incentivo da inserção deste curso na Bahia? Apenas reflexões diante dos depoimentos, porque essa é outra história.

Aparentemente as discriminações de gênero foram exercidas de forma mais sutil em relação às pioneiras do IMF. Elas estavam inicialmente construindo o espaço, eram as únicas possibilidades dos poucos homens que habitavam o campo, portanto tiveram que ser aceitas. Como as mulheres eram maioria, quando a reforma universitária se estabeleceu, assumiram a liderança matemática de todos os cursos que possuíam a disciplina. Portanto, elas construíram e consolidaram o Instituto dentro de um contexto de participação majoritária de mulheres. Uma docente mais jovem apresenta o seguinte pensamento:

“As mulheres pioneiras do IM não enfrentaram ‘a guerra’ que em geral ocorrem nos meios profissionais ditos de predominância masculina, porque aqui em Salvador o espaço do IM era delas. Elas predominavam. Os poucos homens que ‘habitavam’ ou eram de fora que vieram a convite delas ou eram seus ex-alunos que tinham respeito pelas suas antigas mestras. De alguma forma o “poder” já estava nas mãos de quem começou. Elas não viveriam essa ‘guerra’”. (Lovelace) 9

Pode se reconhecer a guerra a qual se refere Lovelace como aquela dos espaços científicos da pesquisa que em geral ocorre quando as mulheres rompem as

barreiras e pleiteiam ascensão no mesmo nível de igualdade dos homens. É a guerra entre as discriminações de gênero e o novo perfil traçado pela Universidade que prioriza a pesquisa em detrimento do ensino. No entanto, Lovelace parece não se dar conta, como a maioria das pessoas que padecem da “cegueira de gênero”, que havia uma guerra, talvez muito mais pernicioso, porque não explicitada e não tão evidente quanto a atual corrida por publicações e verbas para as pesquisas. A “guerra” enfrentada pelas pioneiras se dava no campo simbólico, em que suas próprias capacidades cognitivas eram desprezadas; o fato de serem “respeitadas” por seus pares ex-alunos ou convidados não as tirava do lugar de ‘apenas’ professoras, repetidoras de saberes que os homens produziam. Não reconhecer este aspecto é ignorar a luta e a bravura dessas mulheres.

As mais jovens discutem também que na década de 80, a priori os conflitos não estavam vinculados às diferenças de gênero, a divisão que se mostrava mais clara, na visão das docentes, se referia às lutas ideológicas por parte do grupo ligado ao sindicato e ao academicismo por parte de outro grupo.

“O relacionamento no IM, como em qualquer outro espaço, às vezes ocorriam partições de grupo”. (Olive) 10

“Os conflitos que apareciam eram em relação a problemas políticos e de poder no departamento”. (Noether) 11

“É claro que havia os embates políticos, como em todo lugar. Um grupo visava mais o lado científico, o outro mais o lado político e, isso acabava deixando o ambiente um pouco tenso e prejudicando determinadas posições”. (Agnesi) 12

Nestas falas as docentes relembram o contexto de luta que ocorreu no início da década de 80 dentro da Universidade, após um longo período de ditadura militar e recessão política. Diante deste contexto “um intenso debate político propagou-se nas universidades.” (OTRANTO, 2000, p. 214)

Contudo, ainda segundo Célia Otranto (2000, p. 216) apesar da “conjuntura econômico-política que combinava enorme arrocho salarial e evidente desgaste do regime autoritário”, a universidade enfrentou uma cisão interna entre dois grupos. O primeiro, mais politizado, se alinhava mais ao sindicato dos docentes, vivenciava de perto as questões políticas que fervilhavam na época, defendia os interesses da classe, da sociedade e, particularmente, lutava contra o movimento nacional de privatização das Universidades defendendo a manutenção da Universidade Pública e Gratuita. O segundo grupo ‘supostamente mais acadêmico’, preocupado e interessado em dar aulas e cumprir os programas, se afastava das questões políticas, não fazia greve e não participava das assembleias docentes. A divisão e os embates entre esses dois grupos era clara e acirrada.

Neste período, portanto, pode-se entender que as diferenças ideológicas superavam as diferenças de gênero. Homens e mulheres, alinhados ideologicamente, estavam unidos e empenhados com as questões políticas dentro da universidade. Neste sentido, as docentes não enxergavam as possíveis ocorrências de gênero no período citado, mesmo considerando que elas nunca tenham deixado de existir, não havia tempo para isso, enquanto as mentes se

ocupavam em analisar a conjuntura política e criar estratégias de luta para resistir às ameaças que àquela altura assombravam a universidade. “A universidade pública passou a ser defendida como a universidade democrática” que todos almejavam. (OTRANTO, 2000, p. 215)

Por outro lado, não se deve perder de vista que o movimento docente que ocorreu neste período acabava “encobrendo” as relações de gênero, classe, raça, etnia, envolvidas nas questões, visto que naquele momento essas questões eram consideradas secundárias.

Apesar do momento se configurar numa luta política e ideológica que agregava homens e mulheres em favor da universidade, esta luta não escondia as assimetrias de gênero existentes, vez que nos cargos de comando foram sempre os homens que assumiram o poder. Essa hegemonia do poder masculino nos cargos de comando era vista de forma tão naturalizada que não despertava para possíveis questionamentos por parte das mulheres.

Esses entraves políticos geraram conflitos de relacionamento pessoal provocando uma disputa que acabava interferindo no desenvolvimento profissional da própria Instituição. Os espaços mantiveram uma divisão que na maioria das vezes não permitia intersecções e locomoção dos sujeitos, como se expressou uma das entrevistadas.

“Se você era ‘peixe’ de um aquário, não teria como nadar no outro aquário. Infelizmente a questão relacional interferiu muito no desenvolvimento do IM, essa questão foi muito séria, não se venceu isso com o objetivo de avançar, ao contrário, o relacional bloqueou o avanço. Na verdade, o profissional ficou abaixo do relacional, porque as pessoas deixaram o emocional falar mais alto que o profissional. O tempo inteiro ocorreu divisões de grupo, se você fazia parte de ‘tal’ grupo, seu rótulo já estava estampado na sua testa, era difícil caminhar nos dois espaços, não se tinha essa possibilidade”. (Lovellace)

“O problema interno na Universidade é o ‘ego’, tudo se move através da briga de ‘egos’, e isso só atrapalha os avanços. As questões de atritos se tornam pessoais e assim, qualquer coisa, por melhor que seja, mas que venha do grupo contrário, não se aceita”. (Winifred)

Apesar da suposta invisibilidade das diferenças de gênero no IM no período estudado, momento no qual as mulheres imprimiram fraturas de gênero e atuaram como ‘sujeitos’ na luta pelos ideais políticos, tais diferenças estavam sutilmente ocorrendo e mantendo as mulheres afastadas dos cargos de maior poder no IM. Pode-se visualizar claramente o efeito sutil das discriminações de gênero ao observar que desde a fundação do IM (1960) até os dias atuais, ou seja, transcorridos 58 anos, mesmo tendo o corpo docente uma predominância feminina, as relações de poder sutilmente predominaram e neste período apenas cinco mulheres ocuparam a direção do Instituto.

Em geral as docentes que assumiram o cargo de direção no Instituto, foram mulheres que articularam uma trajetória acadêmica voltada ao ensino e as

atividades administrativas, além disso, se ‘apropriaram’ de determinadas características tidas como de domínio masculino, ou seja, “aprendem e incorporam o modelo dominante de produção do conhecimento e o reproduzem sem contestação, para que sejam aceitos por seus pares e se sintem adequados ao trabalho que executam.” (LIMA E SOUZA, 2002, p. 80)

“Foi um caminho natural diante da minha vida profissional. Sempre me envolvi com questões administrativas: fui coordenadora de colegiado, sub-chefe de departamento, vice-diretora e tinha uma certa liderança, característica essencial para quem pleiteia cargos de direção ou coordenação”. (Noether)

“O processo para chegar a direção ocorreu de forma natural de acordo com minha trajetória no Instituto. Eu passei 8 anos na coordenação do curso, depois assumi a chefia do departamento, fui representante da pós-graduação. [...] A candidatura foi apoiada pelos três departamentos: Matemática, Estatística e Computação. É fundamental ter vivência da universidade, crescer dentro da universidade, entender que para assumir um cargo de direção tem que ter a visão e fazer o elo entre a parte científica e administrativa (ter pulso, ser firme), tem que ter amor pela universidade. Você tem que ter serenidade”. (Winifred)

Através destes depoimentos, as docentes reafirmaram a concepção de que determinadas características não são inerentes ao sexo, ao contrário, elas são adquiridas e construídas através dos contextos e espaços aos quais cada pessoa está inserida.

A LUTA DAS MULHERES BAIANAS NO ESPAÇO MATEMÁTICO DO MESTRADO

As mulheres pioneiras na matemática baiana quebraram barreiras e participaram ativamente das atividades nas áreas das Ciências Exatas. Inicialmente enfrentaram as imposições dos catedráticos que as fizeram atuar na docência sob a supervisão deles; a falta de livros na língua materna também foi sentida, mas as mulheres conseguiram inverter o suposto problema e, com seus recursos próprios adquiriram os livros e se uniram em prol do estudo das traduções, fato que favoreceu o aprendizado da leitura de outras línguas. Além disso, devido a reforma universitária de 68, as docentes tiveram que assumir todas as turmas de matemática da universidade. Este foi outro momento que se configurou numa prova de determinação, empenho e união com o propósito de aprimorar os novos conhecimentos da Matemática Moderna que já se fazia presente no cenário nacional e transmiti-los às/aos alunas/os.

Apesar do fato de que no IM, durante o período de sua fundação, as pesquisas científicas ainda não serem o aspecto mais proeminente na Universidade, as pioneiras foram as responsáveis pela luta em prol da abertura do curso de mestrado em Matemática. E foi a partir deste momento, que as jovens docentes começaram a ter contato mais visível das imposições de gênero que se faziam

presentes nos cursos mais avançados da área. De acordo com o depoimento a seguir, as mulheres enfrentaram as barreiras vinculadas ao campo científico que se mostrou “resistente às incursões femininas” (SCHIEBINGER, 2001, p. 61)

“As alunas do Mestrado eram basicamente mulheres, os professores homens. Os professores locais não faziam distinção. O fato é que os professores visitantes estavam acostumados com outra estrutura nos seus Estados, ou seja, eles traziam essa concepção que a Matemática – cursos de Mestrado e Doutorado – era para os homens, pois nos seus locais de trabalho estes cursos eram compostos basicamente por homens, essa era a realidade deles, o que se diferenciava aqui em Salvador. Quando eles chegavam aqui e se deparavam com outra realidade, as mulheres em ascensão, havia um choque. Havia uma tensão razoável quando os professores de fora chegavam quanto a nossa aceitação por parte destes professores. Eles deixavam claro mesmo que não acreditavam que nós mulheres na matemática tínhamos a competência de sermos Mestres. Isso era claro para todo mundo. Para eles nós não éramos.... (Risos) Eles não faziam nada para incentivar, pelo contrário, se pudessem “canetar – canetavam” sem dúvida. Os professores locais tinham que engolir as mulheres de qualquer jeito, pois o curso era composto de alunas mulheres, eles respeitavam, tinham atenção, foram construindo nossa formação. Quando digo tinham que engolir é pelo fato de que os professores locais tinham na mão um corpo de alunas/ mulheres que queriam estudar, se dedicar, eles tinham uma responsabilidade com esse grupo, eles fizeram de tudo para esse grupo acontecer e se desenvolver. Nós sofremos essa discriminação, essa barreira. Vencemos, mas sofremos. Não recuamos, enfrentamos o desafio e vencemos”. (Lovelace, grifos nossos)

O depoimento reafirma o pioneirismo das mulheres baianas no curso de graduação em matemática refletindo automaticamente na inserção delas também no curso de mestrado oferecido pelo IM. Esse perfil de predominância feminina gerava conflitos com os grupos de outros Estados onde a predominância era masculina. Na visão dos professores ‘de fora’ o campo era ‘inapropriado’ para as mulheres, eles não acreditavam na capacidade intelectual do grupo baiano. A capacidade intelectual das mulheres foi julgada pelo seu pertencimento biológico.

Em relação aos professores locais que ‘tiveram que engolir’ as alunas, na realidade eles também eram professores de outros Estados e de outros países que estavam aqui a convite do próprio diretor Catunda, de Lolita, de Arlete e de outras professoras. Havia um jogo de interesses destes professores, eles queriam se fixar na Bahia e, portanto, precisavam formar um grupo matemático de pesquisa. Pode-se inferir que provavelmente esses professores também, inicialmente se ‘assustaram’ com a presença das mulheres, afinal eles foram moldados dentro da

concepção androcêntrica. Mas, se o material humano que tinham nas mãos eram as mulheres, eles buscaram ‘silenciar’ suas possíveis divergências e incentivaram o desenvolvimento e aprimoramento delas. Esses professores, segundo as depoentes, acabaram percebendo o potencial cognitivo delas e passaram a incentivá-las nos estudos. “Num meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil.” (RAGO, 2013, p. 23).

Além de enfrentarem o olhar discriminado do ‘outro’ em relação a busca de aperfeiçoamento, algumas docentes do IM, que saíram de Salvador para realizar cursos de mestrado e doutorado em outros Estados, enfrentaram o poder autoritário do chefe ‘maior’, o reitor da universidade na época, Dr. Augusto Mascarenhas, que determinou o retorno imediato ao trabalho em sala de aula de todos os professores que estavam afastados para realização de cursos de aperfeiçoamento. Essa atitude do reitor desfez os sonhos de realização do mestrado e doutorado já em andamento de algumas das docentes do IM.

“Quando o reitor tomou a decisão de obrigar os docentes a retornarem a UFBA, eu tive que fazer minha rescisão de contrato de trabalho e não retornei. Acabei o mestrado, voltei e fiquei dois anos como professora colaboradora no IM, depois surgiu a oportunidade de fazer concurso para professor assistente, eu fiz e retornei as atividades”.
(Somerville)

“Fiz todas as disciplinas do doutorado no IMPA, mas não foi possível concluir porque fui obrigada pelo então reitor Augusto Mascarenhas a retornar ao trabalho na UFBA”.
(Agnesi)

Esse obstáculo certamente influenciou o desenvolvimento das pesquisas científicas no IM.

A estratégia utilizada pelas docentes para enfrentarem os obstáculos que se fizeram presentes neste contexto foi a consolidação de uma união entre o grupo. Uma possibilidade de interpretar a organização destas mulheres sujeitos deste estudo nos primórdios de suas carreiras acadêmicas é a utilização do conceito de sororidade (Sororidad)¹³. Elas uniram-se desde os primeiros momentos com o objetivo de adquirir maiores conhecimentos e fortalecer suas bases matemáticas. As docentes que saíram para cursos fora do Estado ao retornarem compartilhavam seus conhecimentos com as colegas através de seminários e grupos de estudos.

Deve-se ressaltar, todavia, que atualmente já se discute acerca da relevância da utilização do termo ‘sororidade’. A pesquisadora Suely Costa (2009), por exemplo, questiona a aparente homogeneidade que o termo parece refletir e, argumenta que não se pode perder de vista “contingências que subterraneamente, podem mover as mulheres e feminismos em diferentes direções” (COSTA, 2009, p. 1). Basicamente a crítica feita pela autora está relacionada “as tendências analíticas, que acentuam experiências feministas conjunturais que podem tornar invisíveis tensões e rupturas entre gerações de mulheres e de feministas” (COSTA, 2009, p. 1)

Além disso, Costa segue argumentando que a união entre as mulheres não é um fator contínuo. No sentido de enfatizar essas ‘rupturas’ e ‘novas uniões’, segundo Suely Costa (2009, p. 22), a pesquisadora Deborah Siegel (2007) utiliza o termo ‘Sisterhood Interrupted’.

Considero que as relações em qualquer grupo humano são flutuantes no sentido de nem sempre inexistir o conflito. E entre as mulheres não é diferente. Ocorre que a sororidade é uma estratégia importante em determinadas situações como foi o caso da relação entre as mulheres que participaram desta pesquisa. Particularmente, a utilização do conceito se mostra relevante para explicar a solidariedade demonstrada entre elas quando retornavam de novos períodos de aquisição de conhecimentos e não se abstinham de transmitir as novidades, em lugar de competirem entre si, querendo aparecer mais que as outras. Não se deixa de considerar, neste estudo, as possibilidades de possíveis divergências internas entre o grupo, mas o importante é enfatizar que o objetivo maior em consolidar o espaço do IM se mostrou mais relevante naquele momento para o fortalecimento das alianças entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste pequeno universo composto pelas docentes pioneiras do IMF, observamos que o chamado efeito do ‘Labirinto de Cristal’¹⁴, conceito definido por Lima (2013, p. 886) indicando que “os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria ‘mulher’, está disposto ao longo de sua trajetória acadêmica e, até mesmo antes, na escolha da área de atuação”, imprimiu suas marcas nas trajetórias profissionais destas docentes.

Apesar das mulheres aqui apresentadas, terem inicialmente quebrado barreiras e atuado num espaço de predominância masculina – Matemático -, ‘os desafios e armadilhas dispostos no labirinto’ permearam seus caminhos.

O mais importante foi que essas mulheres cresceram intelectualmente, se mantiveram unidas pelo ideal de desenvolver uma base matemática sólida e estruturada dentro dos espaços matemáticos baianos. Incentivaram suas alunas e seus alunos para a continuidade dos seus ideais. Ideais que sempre estiveram vinculados ao bom desempenho do ensino matemático em todos os níveis.

Elas merecem aplausos, pois, construíram com mérito uma trajetória profissional e de vida digna de reconhecimento. Provaram e continuam provando que “Biologia não é destino.” (LIMA E SOUZA, 2005, p. 21). Embora nos seus discursos incorram muitas vezes aos ‘velhos’ estereótipos de gênero e na sua naturalização.

Different 'wars', equal preconceptions: gender issues in the trajectories of the pioneers of an Institute of Mathematics and its successors.

ABSTRACT

In this article, which presents a cut of the doctoral research, the pioneering of women in the Institute of Mathematics (IM) of the Federal University of Bahia and the perceptions of two generations of teachers of this Institute will be discussed in relation to the "Kaleidoscope of Gender" that reveals the "wars" faced throughout their professional trajectories, in each epoch. In the accomplishment of this research were used semi-structured interviews and documentary analysis in the archives of the IM, Institute of Physics (IF) and Faculty of Philosophy (FF), using elements of discourse analysis. Results of the study from the perspective of gender made it possible to visualize that the two generations faced gender asymmetries. Their intellectual abilities and their cognitive performances were undervalued in association with their biological belonging. Revealing the example of struggle and growth of these women could contribute to the insertion of future generations of women in the areas of Science and Technology.

KEYWORDS: Women. Mathematics. Gender. Power relations.

Diferentes 'guerras', preconceitos iguales: cuestiones de género en las trayectorias de las pioneras de un Instituto de Matemáticas y de sus sucesoras

RESUMEN

En este artículo, que presenta un recorte de la investigación de Doctorado, se discutirá el pionerismo de mujeres en el Instituto de Matemáticas (IM) de la Universidad Federal de Bahía y las percepciones de dos generaciones de docentes de este Instituto en relación al "Caleidoscopio de Género" que revela las "guerras" enfrentadas a lo largo de sus trayectorias profesionales, en cada época. En la realización de esta investigación se utilizaron entrevistas semiestructuradas y análisis documental en los archivos del IM, Instituto de Física (IF) y Facultad de Filosofía (FF), utilizando elementos del análisis del discurso. Los resultados del estudio en la perspectiva de género posibilitaron visualizar que las dos generaciones enfrentaron asimetrías de género. Sus capacidades intelectuales y sus desempeños cognitivos se subvalorizaron en asociación con su pertenencia biológica. Revelar el ejemplo de lucha y de crecimiento de estas mujeres puede contribuir a la inserción de futuras generaciones de mujeres en las áreas de Ciencia y Tecnología.

PALABRAS CLAVE: Mujeres. Matemáticas. Género. Relaciones de Poder.

¹ Segundo Cecilia Sardenberg (2015, p.87) essa expressão foi usada por Joan Spade e Catherine Valentine (2008) que se valem da noção de “caleidoscópio de gênero”, voltando-se para os prismas, padrões em jogo, bem assim como para as possibilidades de transformação de tudo isso.

² MENEZES, Márcia Barbosa de. A MATEMÁTICA DAS MULHERES: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. Tese. PPGENIM/UFBA. 2015.

³ De acordo com o Livro de Bacharéis e Licenciados diplomados pela FF da Bahia de 1945-1968. (Arquivo da FF). De 1945 a 1968 formaram-se 84 mulheres e 34 homens. De 1969 a 1980 formaram-se 121 mulheres e 67 homens.

⁴ Somente em 1965 a Universidade da Bahia passou a ser chamada Universidade Federal da Bahia – UFBA, atendendo as determinações da Lei n. 4759/65.

⁵ Os nomes verdadeiros das docentes entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios a fim de resguardar suas falas e emoções. Os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes de mulheres matemáticas que também lutaram para ingressar e desenvolver suas capacidades cognitivas no espaço matemático. As docentes que participaram das entrevistas neste trabalho fundaram e iniciaram suas atividades no IMF na década de 60 do século passado e, permaneceram no Instituto, em sua maioria, até a década de 80. A segunda geração de docentes entrevistadas, em geral, iniciou suas atividades docentes na década de 80 do século passado.

Elena Lucrezia Piscopia (séc.XVII - Italiana), por ser filha de um procurador do estado em Veneza, teve apoio do pai para se dedicar aos estudos. Foi a primeira mulher no mundo a receber o título de Dr^a em Filosofia.

⁶ Winifred Edgerton Merrill (séc. XIX – Norte Americana) foi educada por professores particulares e enfrentou todas as questões educacionais vivenciadas pelas mulheres de sua época. Winifred foi a primeira americana a receber o PhD em Matemática pela Columbia University. Ela é conhecida como “a mulher que abriu as portas” para a participação das mulheres no sistema escolar.

⁷ Mary Somerville (séc. XVIII – Escocesa) só teve contato com os estudos aos 10 anos. Os irmãos homens estudavam com o apoio de tutores, mas por ser mulher, ela não recebia instrução.

⁸ Harém – parte do palácio do sultão muçulmano onde estão encerradas as odaliscas; conjunto das odaliscas de um homem; parte da casa muçulmana destinada à habitação das mulheres.

⁹ Ada Lovelace (séc. XIX – Inglesa) sempre teve os melhores tutores da época. Escreveu ainda jovem o primeiro algoritmo para a máquina analítica, por isso é considerada a primeira programadora da história.

¹⁰ Olive Clio Hazlett (séc. XIX – Norte Americana) desde criança apresentava notável desenvolvimento no campo da Matemática. Graduou-se no Radcliffe College, e fez mestrado e doutorado na Universidade de Chicago.

¹¹ Emmy Noether (séc. XIX – Alemã) filha de um professor de Matemática da Universidade de Erlangen. Noether adorava Matemática, mas inicialmente foi

criada de acordo com as regras sociais impostas as mulheres. Estudou piano, cultura clássica, línguas e trabalhos domésticos. Em 1903, foi a única mulher dentre 984 estudantes homens na Universidade.

¹² Maria Gaetana Agnesi (séc. XVIII - Italiana) teve uma excelente educação e formação, sendo acompanhada pelo pai professor de matemática da Universidade de Bolonha. Era uma garota precoce e de alta inteligência. Apesar do seu grande reconhecimento matemático, foi recusada como pesquisadora em várias instituições, principalmente nas instituições francesas que não aceitavam a presença das mulheres.

¹³ Sororidad - del latin soror, sororis, hermana, e-idad, relativo a, calidad de; em frances sororité, en italiano sororita, en ingles sister-hood. (GAMBA, 2009, p. 305)

¹⁴ “Apesar de sua concretude, os obstáculos do labirinto [...] são transparentes como um cristal e podem passar despercebidos, já que suas armadilhas são construídas na massa cultural”. (LIMA, 2013, p. 886)

REFERÊNCIAS

CHASSOT, Attico. *A Ciência é masculina?* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

COSTA, Suely G. Onda, Rizoma e “Sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX) *INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, jun./dez. 2009.

FERRAND, Michèle. A exclusão das mulheres da prática das ciências: uma manifestação sutil da dominação masculina. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, ano 2, p.358-367, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 5. ed., 1985.

GAMBA, Susana B. *Diccionario de estudios de Género y Feminismo*. Bueno Aires: Editorial Biblos, 2009.

JAGGAR, Alison M. Amor e Conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (eds.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 157-185.

LIMA, Betina S. O Labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.3, p. 883-903, Set./Dez., 2013.

LIMA E SOUZA, Ângela M. F. de. O viés androcêntrico em biologia. In: SARDENBERG, Cecilia M. B.; COSTA, Ana Alice. (Org.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM/UFBA: Coleção Bahianas, 2002, v.8, p.77-88.

LIMA E SOUZA, Ângela M. F. de. Sexo e Identidade – Biologia não é destino. In: FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. (Org.). *Ensaio sobre Educação, Sexualidade e Gênero*. Salvador: Helvécia, 2005, p. 21-35.

LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3. ed., 1999.

MENEZES, Márcia Barbosa de. *A Matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980)*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - Programa de Pós-Graduação do PPG/NEIM, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OTRANTO, Célia R. Movimento Sindical Docente: História e Crise. *Revista Universidade Rural do Rio de Janeiro – Série Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, v. 22, n.2, p.213-29, jul/dez. 2000.

RAGO, Luzia M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

SARDENBERG, Cecília M. B. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*. Londrina –PR, v.20, n.2, p.56-96, Jul./Dez. 2015.

SCHIEBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?* Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001.

Recebido: 15 set. 2018.

Aprovado: 10 dez. 2018.

Como citar:

MENEZES, Márcia Barbosa de. Diferentes ‘guerras’, preconceitos iguais: questões de gênero nas trajetórias das pioneiras de um Instituto de Matemática e de suas sucessoras. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v.11, n. 38, p. 63-79, jul./dez. 2018.

Correspondência:

Marcia Barbosa de Menezes, Instituto de Matemática da UFBA - Avenida Adhemar de Barros,s/n, Campus de Ondina-Ondina, CEP: 40170-110,Salvador- Bahia.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

